

## SUCESSÃO

# Alianças regionais aguardam decisão de Lula

*Crise deflagrada no Rio paralisa negociações já iniciadas com os pedetistas*

MARIANA CAETANO

**A**s negociações do PT em torno das alianças regionais entraram em compasso de espera. Os partidos que compõem a frente das esquerdas com os petistas, PDT, PSB e PC do B aguardam a solução da crise deflagrada domingo, quando o diretório do PT no Rio recusou-se a apoiar o candidato do pedetista ao governo, Anthony Garotinho. Mais do que isso, esperam a confirmação da candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) à Presidência. "Se o Lula desistir, muda o quadro completamente e o PT perde força também nos Estados", previu um dirigente do PDT.

As legendas da frente condicionaram ontem a coligação ao apoio do PT fluminense ao PDT. E Lula só sai candidato se for representar essa coligação. A executiva nacional do PT iniciou o processo para reverter o efeito "El Niño" que se abateu sobre o partido - nas palavras do próprio Lula -, mas esse já causou atrasos e estragos. "Vamos fechar a chapa com o vice do PDT esta semana", disse a presidente do PT em Santa Catarina, Luci Choinaski. "Agora, precisamos de um tempo para acertar as coisas."

Os petistas gaúchos não terão essa chance. O PDT lançou ontem a candidatura da senadora Emília Fernandes à sucessão do governador Antônio Britto (PMDB). "Há uma reação de estremecimento geral do PDT", reconheceu Luci. "Mas mesmo que os partidos não estejam juntos na aliança nacional, temos todas as chances de manter nosso acordo aqui."

O diretório regional petista de Mato Grosso do Sul divulgou nota reafirmando a coligação com o PDT, que pretende indicar o ex-prefeito de Coxim Moacir Khol como vice-governador na chapa encabeçada pelo deputado Zeca do PT. "Vamos ter de esperar uma decisão final do partido, mas acreditamos que essa crise pode não nos atingir", afirmou Franklin Mashua, presidente do PDT local.

PT e PDT tentam alianças em outros oito Estados, além do Distrito Federal: Alagoas, Amapá, Ceará, Goiás, Minas Gerais, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe. Em dois casos, Pernambuco e Bahia, a situação ainda era indefinida, de acordo com o último levantamento da presidência petista. Na Bahia, o PT recusa-se a apoiar João Durval (PDT), ex-aliado do senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA).

Em Pernambuco, o governador Miguel Arraes, presidente do PSB, é o concorrente mais forte à eleição majoritária, mas o PT estuda a candidatura própria. "O

Arraes nunca apresentou o apoio do partido como condição para a formação da aliança; já o PC do B, apóia a Roseana Sarney (governadora do PFL), mas não estamos transformando isso num cavalo de batalha", disse Walter Pomar, terceiro vice-presidente do PT. "Temos de manter a aliança nacional e contornar problemas nos Estados que não apareceram agora."

**Reforço** - Segundo o presidente do PT paulista, Antônio Palocci, a crise não trouxe apenas prejuízos. "Temos situações de todos os tipos: em Minas Gerais, por exemplo, houve uma tendência de reforçar a aliança com o PDT", declarou. "Se houver de fato o rompimento da frente e a saída do PDT, aí sim haverá incidência nos Estados."

O chefe de gabinete da presidência do PT e integrante do diretório nacional concorda. "Seria como ter de escalar um time de futebol e não poder contar com um jogador importante", comparou Francisco Rocha. "Isso afeta o grupo."

Palocci prepara um documento conjunto com pelo menos 10 diretórios regionais do partido para pedir ao diretório nacional que recuse a decisão de seus companheiros no Rio. "Vamos mostrar que a atitude do Rio foi isolada."

No Rio Grande do Sul, onde o PDT reapresentou oficialmente ontem a candidatura da senadora Emília Fernandes ao governo, o PT tem poucas chances de acordo. A direção regional pedetista, além das bancadas federal, estadual e municipal,

recomendaram, por unanimidade, o lançamento de Emília.

A decisão ainda será homologada no dia 4, em uma reunião ampliada, mas já é tratada como fato consumado. "Estamos em campanha", anunciou a própria Emília, que participou da conversa.

É um golpe severo na candidatura Olívio Dutra (PT), que deveria receber o apoio dos pedetistas. Agora, a oposição marchará dividida para enfrentar a coligação de centro-direita (PPB, PFL, PTB, PSDB) que respalda o governador Antônio Britto, candidato à reeleição.

A aliança deve ficar para o segundo turno. Emília pensa que os dois partidos deverão se resguardar no primeiro turno, firmando uma espécie de pacto de não-agressão. "Não temos divergências, apenas discordamos em um ou outro ponto."

Para a senadora, o PT fluminense deu uma prova de "imaturidade política" e acabou comprometendo a união das duas siglas. Ela também acha "muito difícil" que a coligação nacional ainda possa sobreviver. Emília entende que haverá lugar para uma terceira candidatura ao Palácio Piratini, embora os confrontos costumem ser bipolarizados no Estado.

■ Colaborou Ayrton Centeno



**DESISTÊNCIA**  
OBRIGARÁ PT A  
REVER QUADRO  
NO PAÍS